

Também há mulheres filósofas: uma obra para pensar a Educação e a Filosofia

Graziela Rinaldi da Rosa

FERREIRA, Maria Luísa Ribeiro (org.). 2001. *Também há mulheres filósofas*. Lisboa, Editorial Caminho.

“Também há mulheres filósofas” é o nome do livro organizado por Maria Luísa Ribeiro Ferreira, que é professora de Filosofia e tem publicações situadas no âmbito da Filosofia Moderna, da didática da Filosofia no Feminino em Portugal. Como ela mesma diz, essa obra é uma iniciativa inédita naquele país. Publicada em 2001 pela Editora Caminho na “coleção universitária”, é indispensável para a Filosofia e também para a Educação, visto que ainda não encontramos obras de filósofas com tanta frequência quanto dos filósofos, sendo que elas sempre fizeram parte do mundo dos saberes filosóficos.

Trata-se de obra elaborada a partir do projeto de Investigação: “Uma Filosofia no Feminino”, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (PRAXIS) e pelo Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa. Sendo uma coletânea de ensaios, tem como finalidade primeira tornar visível a presença de filósofas na tradição ocidental, divulgando o seu pensamento e um pouco da vida de filósofas como Aspásia, Simone de Beauvoir, Simone Weil, Edith Stein, entre outras.

Como a organizadora mesmo diz, não se tem a pretensão de proceder a um estudo sistemático e/ou exaustivo, tendo um objetivo comum: mostrar que as mulheres escreveram e escrevem filosofia e que só a ignorância e o preconceito justificam o silenciamento dos seus textos. Maria Luísa Ribeiro Ferreira acredita que são os filósofos os grandes responsáveis pelo lugar que as mulheres ocupam na tradição filosófica ocidental e busca com essa obra também questionar a especificidade de um pensamento feminino, problematizar o conceito de natureza humana e analisar diferentes tipos de escrita, literária e a filosófica

O livro trata de textos de filósofas e de suas vidas, o que ainda não é muito comum em Portugal e também no Brasil. Pretende-se, assim, motivar a uma leitura mais profunda de obras de filósofas, buscando fazer justiça a certas vozes, lembrando simultaneamente a sua existência e qualidade, alertando para a importância de textos que, por várias razões, têm sido secundarizados na tradição filosófica ocidental.

O primeiro texto, “A (im)possibilidade de ser filósofa”, rico em indicações bibliográficas, de Tereza Joaquim, nos traz algumas angústias e vivências da autora que teme que o tema “mulheres no feminino” não seja considerado por muitos(as) como um tema filosófico. Essa pesquisadora nos inquieta questionando como é possível a constituição de um sujeito feminino na filosofia. E nos fala de um deslocamento da questão para outras áreas do conhecimento. No texto muito bem estruturado, Teresa Joaquim aponta para os “porquês” da exclusão das mulheres no que diz respeito à capacidade de teorizar, abstrair, aplicar princípios, sejam eles religiosos ou filosóficos, analisa a questão do “ser mulher e ser filósofa”, enfatizando que é preciso que as mulheres na filosofia marquem uma resistência para que possam mudar alguma coisa.

Para nos provocar ainda mais, o segundo artigo: “Aspásia, uma filósofa no masculino”, de José Trindade dos Santos, nos apresenta essa filósofa de maneira encantadora, mostrando outras fontes de livros nos quais podemos compreender e conhecer um pouco mais sobre essa filósofa que nasceu entre 465 e 460 a.C e era recomendada por Sócrates, sendo visitada por ele e outros filósofos, já que tinha um grande conhecimento de polí-

tica e retórica. O autor nos mostra, de uma maneira breve e encantadora, um pouco de uma filósofa que foi mestra de retórica para todos seus maridos e que recebia em sua casa esposas acompanhadas de seus maridos para “apenas” conversarem filosoficamente.

No terceiro artigo, Régine Pietra apresenta outras mulheres filósofas da Antiguidade greco-romana, mostrando várias obras sobre as mulheres e as filósofas que viveram nesse período, como a filósofa Hipárquia, e apresenta outras tantas desconhecidas, como a primeira das mulheres filósofas: Cleobulina.

O quarto texto, faz uma provocação quanto à escrita, questionando sobre o que é uma escrita feminina. O artigo intitulado “Itinerarium ad loca sancta, de Egéria. Uma escrita feminina?”, de Maria Cândida Monteiro Pacheco, analisa um manuscrito anônimo que foi descoberto em finais do século XIX e que trata de viagens aos lugares santos do Oriente. Trata-se da realização de uma peregrinação em que cada passo, cada episódio, cada encontro é, acima de tudo, uma tentativa de reviver fundamentalmente a história sagrada e de a assimilar. Pensa a autora que o texto do itinerário é um sugestivo relato de viagem (peregrinação) feminina, já que no texto de Egéria, segundo a autora, há uma força serena e um otimismo equilibrado e espontâneo, e podem captar-se reflexos de uma personalidade forte, perseverante, infatigável, ávida de ver e de saber, interessada nos mais pequenos detalhes, sensível à natureza e à sua beleza... Isso a autora afirma ser uma maneira de ser feminina, numa perspectiva ontológica própria, num sentido mais amplo de contextualização e de relação, na recusa de uma objetividade escrita, numa projecção tão natural que é quase inconsciente, dos estados de alma, que assimila, interiormente, os lugares, as pessoas, as coisas e até o tempo.

Em “Tópicos sobre o naturalismo setecentista na obra de Alcipe”, Pedro Calafate, da Universidade de Letras da Universidade de Lisboa, propõe-se a analisar alguns dos mais relevantes tópicos do naturalismo setecentista na obra da marquesa de Alorna, mostrando como a autora ilustra, de uma maneira poética, os temas do ideário católico português. Na sequência, também setecentista, Mary Wollstonecraft foi abordada por Maria Luísa Ribeiro Ferreira em “Revisitando a caixa de Pandora: Mary Wollstonecraft e a educação da humanidade pelas mulheres”. Nesse artigo, a autora nos mostra como a filosofia no feminino aparece nos escritos dessa pensadora, pela análise que essa faz da natureza em geral e da natureza feminina em particular e pela abordagem dos problemas éticos, políticos e educacionais que neles empreende. Mary Wollstonecraft, segundo a autora, ultrapassou a reflexão sobre a igualdade e a justiça às mulheres, propondo uma alteração da organização social a partir de um

olhar feminino, onde o literário e o filosófico se fundem. Num texto provocativo nos é mostrada uma mulher que faz filosofia quando tenta derrubar o senso comum ou quando desmistifica o preconceito de certas teses, que muitas vezes são tidas como verdades incontestáveis. De uma maneira interessante a autora também nos mostra que Rousseau e Wollstonecraft estão em sintonia em alguns aspectos, mesmo que a educação das mulheres defendida por Rousseau fomenta a dissimulação e o medo, cultive os aspectos negativos da sexualidade e despersonalize as mulheres, transformando-as em meros instrumentos de sedução. Maria Luísa Ribeiro Ferreira reapresenta essa autora por ser uma mulher esquecida na história da filosofia e também da educação, uma pensadora que contribuiu para a revolução nos costumes das mulheres e morreu aos 38 anos em parto. Ela se assumiu enquanto filósofa, dizendo que lia com indignação os textos em que os homens insultavam as mulheres. Mesmo sendo uma filósofa, tem seu nome excluído da história da filosofia, talvez porque suas obras, como nos diz a autora, não vinculem uma visão do mundo sistemática e abrangente, pois Mary Wollstonecraft teve grande interesse pela filosofia, fazendo uma análise da natureza em geral e da natureza feminina em particular, abordando também problemas políticos e educacionais, e, por isso, seus escritos são quase desconhecidos para o público universitário. Ferreira questiona se o fato de ter tido como principal tema em seus escritos a situação da mulher na sociedade e por ter tido um pensamento reivindicativo não seria a razão pela qual foi ignorada, e garante que a filósofa faz filosofia, quando tenta derrubar o senso comum ou quando desmistifica a preconceituosidade de teses tidas como verdadeiras (2001, p. 104). Seu método, segundo a autora, é zetético e argumentativo. Nesse mesmo artigo, é enfatizado que o esquecimento de Mary só pode ser justificado por ordem cultural e sociológica. Ela nos mostra, ainda, a forma como essa filósofa falou de alguns escritos filosóficos e científicos de seu tempo, incluindo nesses alguns ensaios pedagógicos e filosóficos de Rousseau.

Paula Oliveira e Silva, no artigo “A missão ecológica da mulher: uma leitura de Edith Stein”, conta-nos um pouco da vida de mais uma filósofa, judia e amante da liberdade, que teve sua voz calada, em 1942, nas câmaras de gás de Auschwitz. Em um texto bem elaborado, a autora nos mostra também a vasta e diferenciada formação de Stein, baseada no método fenomenológico. Stein, que nasceu em 12 de outubro de 1891, estudou em um período bem complicado para as mulheres que queriam estudar, já que só em 1901 a legislação alemã aprovou o acesso de mulheres aos estudos universitários. Nesse artigo, nos são mostradas as idéias da filósofa quanto ao ser

educador e educadora. Sua proposta antropológica assume a convicção da bondade da natureza humana, da liberdade do homem e do seu empenhamento na tarefa de aperfeiçoar o indivíduo e a humanidade, na autonomia do educando. Também é indicado, no artigo, o que a filósofa entende do que é educar e os seus objetivos do trabalho educativo, sua fenomenologia do corpo, a definição de homem dessa pensadora, a diferença do animal e do humano e a importância da liberdade humana. Apresenta características da alma feminina e a idéia de que a estrutura da alma é a mesma, independentemente do sexo, e o que essa pensadora acreditava e defendia quanto à situação da mulher na sociedade de seu tempo, o que, em alguns aspectos, se parece com idéias contemporâneas.

No texto de Ana Luísa Janeira, “Simone de Beauvoir encontra Simone Weil”, a autora explicita as impressões de Beauvoir ao encontrar a filósofa Simone Weil a partir do relato feito nas *Mémoires d'Une Jeune Fille Rangée*. Por serem de classes sociais diferentes e devido à espontaneidade de Simone Weil, as duas se desentenderam, especialmente por Simone de Beauvoir ser de família burguesa, o que inibiu uma maior aproximação. Mas, como nos faz acreditar a autora, foram os modos diferenciados de habitar o mundo que impediram que o diálogo se estabelecesse entre as duas.

Em “Susanne Langer e o valor heurístico do símbolo”, Maria Luísa Ribeiro Ferreira, que tem como objetivo divulgar o pensamento de mulheres filósofas, discutir a possibilidade de uma maneira diferente de habitar a filosofia ou, como ela mesma diz, “uma maneira feminina de filosofar”, nos fala de uma filósofa que pouco lemos ou vimos falar no Brasil. Susanne Langer é filósofa americana do século XX que não insere seu pensamento dentro de uma filosofia feminista, mas faz uma filosofia no feminino, como é apontado nesse artigo. Os interesses de Langer apresentados nesse texto convergem para uma procura de novas idéias geradoras, susceptíveis de combinar o rigor da matemática definitivamente adquirido pela ciência moderna e a fecundidade e plasticidade que permitam aplicá-las a domínios mais amplos do que os meramente quantitativos. Segundo a autora desse artigo, a ruptura de S. Langer com o positivismo lógico reside precisamente no alargamento que postula para o conceito de razão, já que para a filósofa a razão engloba formas habitualmente consideradas pré-rationais ou mesmo irracionais. Esse artigo também traz as idéias da filósofa com relação à civilização moderna, cultura, arte e educação, e nos mostra que deixamos de lado as filósofas e perdemos muito com isso.

Fernando Belo prova, em seu artigo “Mulher e Homem, casa e alma, Luce Irigaray e Platão”, que as pessoas envolvidas no projeto “Filosofia no Feminino” da

Universidade de Lisboa, do qual o livro que comento é fruto, possuem uma caminhada e estudos bem avançados. Nesse artigo, o autor trata com muita convicção de outra filósofa, pouco estudada por nós brasileiras(os): Luce Irigaray – encontramos citações e idéias dessa filósofa e psicanalista em estudos de teóricas (e poucos teóricos) feministas. Nesse texto, o autor nos mostra como ela questionou Freud e especialmente nos mostra o Platão feminista que, no discurso do livro V, antecipou 24 séculos o discurso feminista e admitiu explicitamente, no final do livro VII, que as mulheres podiam, sim, ser governantes da cidade ideal.

Em “A penumbra tocada de alegria: a razão poética e as relações entre a filosofia e a poesia em María Zambrano”, Fernanda Henriques analisa o pensamento de Maria Zambrano explorando o conceito de razão poética e toca uma questão que deve ser mais revisitada na filosofia-poesia. A razão poética é uma expressão da razão que funciona como o elemento sustentador dos escritos de Maria Zambrano, que são construídos numa busca de razões que, embora não sejam apresentadas como causas, procuram dar sentido à vida, ao pensar e à história. O conceito de razão poética pode ser lido como essa forma de mediar, de fazer comunicar a atitude filosófica e a atitude poética. Fernanda Henriques afirma que a obra dessa filósofa pode ser lida como um grito, como uma voz dolorosa que quer encontrar razões que legitimem uma outra forma de relacionar a filosofia e a poesia e, ainda, que a solução de Zambrano supõe que o exercício do filosofar não se feche numa tentativa de criar um espaço teórico totalmente isolado e, antes, busque a sua identidade no confronto dialógico com outros espaços. Assim, esse artigo nos mostra que a obra de Zambrano representa um esforço de escuta e de diálogo realizado de forma deliberada.

Teresa Toldy, no artigo “Sharing Her World ou a luta contra o complexo de Atenas: itinerário hermenêutico de Elisabeth Schüssler Fiorenza”, conta-nos sobre as idéias e a vida de Elisabeth Schüssler Fiorenza, que foi a primeira mulher a obter um grau acadêmico em Teologia em Würzburg. Autora polêmica, mas reconhecida na comunidade exegética, essa mulher se destaca por seus estudos da hermenêutica feminista dos textos bíblicos. Em uma época em que muitas mulheres rejeitaram a identificação de feministas, porque as identificava como fanáticas e tendenciosas, essa pensadora definiu o feminismo como a idéia radical de que as mulheres são pessoas, sendo simultaneamente um movimento político e uma metodologia científica de investigação e teorização da experiência e das estruturas da opressão a que as mulheres estão sujeitas. Nesse sentido, Teresa nos conta, nesse artigo, que a pensadora tinha a idéia de que existiria

uma geração mais velha, preocupada com o feminismo militante, político, e uma geração mais nova, que procura o rigor científico e a sofisticação teórica. Assim Elizabeth S. Fiorenza vai chamar de “complexo de Atenas” o fato de que as mulheres, para serem aceitas nos meios acadêmicos, tiveram que representar serem “filhas” de seus pais/mentores acadêmicos, tendo que provar sua lealdade, negando as suas mães ou reduzindo a sua importância. Frente a isso, o artigo nos mostra que a preocupação da nossa autora é, precisamente, estabelecer uma distinção entre os estudos feministas e os de gênero: enquanto os estudos do gênero acentuam uma construção social, os estudos feministas acentuam a idéia de que as mulheres são sujeitos intelectuais e agentes sociopolíticos. E como nos conta Teresa Toldy, a pensadora acreditava que, enquanto os estudos de gênero isolam a opressão do gênero das outras estruturas de opressão, como o racismo, o classismo e o colonialismo, os estudos feministas, na perspectiva de Fiorenza, enquadram a opressão das mulheres no quadro de uma opressão global. Assim, a chave da hermenêutica proposta por E. S. Fiorenza consiste numa interpretação político-retórica dos termos feminista e feminismo, por contraposição a uma interpretação essencialista, fixada na categoria de gênero: “As mulheres não possuem uma unidade natural ou essencial, antes representam uma multiplicidade histórica, não só um grupo.” Nesse artigo, podemos ver ainda

como Fiorenza faz uma leitura crítica de várias estratégias de interpretação dos textos bíblicos utilizadas pelos estudos feministas da religião, apontando ainda passos concretos de uma hermenêutica feminista da libertação.

No último texto dessa obra, “Entre o absoluto e o arbitrário: uma reconcepção feminista da epistemologia analítica”, Carmo d’Orey diz que “existe uma filosofia feminina” (Orey *in* Ferreira, 2001, p. 241), mas ele diz ainda que, assim como nem toda a filosofia é feminina, existem filosofias masculinas que podem ser feministas ou, no mínimo, fornecer bons instrumentos epistemológicos para uma reelaboração feminista. Para esse pensador, apostar no feminismo é apostar que a visão daí decorrente pode trazer vantagens para todos, homens e mulheres; a epistemologia feminista tem qualidades diferentes das de uma androcêntrica, tendo que sublinhar a interdependência das faculdades que a cultura patriarcal separou: razão e emoção, fatos e valores, observação e ação.

Graziela Rinaldi da Rosa
Mestranda em Educação
Núcleo de Pesquisa de Gênero da EST (RS)
Unisinos, RS, Brasil